

A ENTREVISTA
DA MARA

ANA BEATRIZ NOGUEIRA

Ana Beatriz é "Vera", filme de Sérgio Toledo que entra em circuito agora no final de abril. Quem já viu, garante que foram inteiramente justas as premiações que Aninha recebeu (Melhor Atriz no "Festival de Brasília" e Urso de Prata em Berlim). Com uma

feminilidade aflorando, fazer o papel de uma menina que tem uma personalidade masculina não deve ser brincadeira. Portanto, duvidar de seu talento quem há de? Eu não duvido. (César Tartaglia)

Foto: ANIMAPRO COSTA

"Nunca me senti tão feminina como ao fazer um papel masculino"

Mara Teresa - Como é que foi o início da tua carreira?

ANA BEATRIZ - Eu comecei fazendo teatro amador. Fiz o *Rock Horror Show*, com o Miguel Falabela. Daí fui pro "Tablado", onde a gente fez o *Urubu Rei*. Depois fiz duas montagens profissionais, a *Maroquinhas Fru-Fru* e *Galileu - Uma Nova Estrela no Céu*. Daí fiz vestibular pra Comunicação, da PUC, mas não cheguei a terminar. Fui então fazer a escola de teatro, quando ouvi falar do filme. Fiz a maratona de testes, passei e isto foi o pontapé inicial.

Mara Teresa - Quantos anos você tem?

ANA BEATRIZ - 20 anos.

Mara Teresa - Como era a tua família? Classe média, alta, pobre?

ANA BEATRIZ - Classe média.

Mara Teresa - Como surgiu essa tua coisa com o teatro?

ANA BEATRIZ - Eu não sei. Quando vi, estava envolvida até os cabelos. Eu lembro que, desde pequena, eu tinha uma tia que me levava pra ver umas peças infantis, e disso ficaram umas imagens até hoje. Mas até aí morreu neves, porque muita gente vai teatro infantil. Acho que o negócio pintou mesmo quando comecei a fazer teatro amador no colégio. Mas isso era muito uma coisa, coisa de turma, o Miguel (Falabela) dirigia e tal. Aí a coisa foi ficando séria, foi ficando e ficou.

Mara Teresa - Você tem irmãos?

ANA BEATRIZ - Tenho três.

Mara Teresa - A tua família colocou algum tipo de dificuldade naquilo que você estava a fim de fazer?

ANA BEATRIZ - Não, nunca. Tem uma coisa em mim que eu acho que é natural, que é essa coisa de morar sozinho. Eu moro aqui com meu irmão desde os 17 anos. Então a gente já se vira sozinhos desde cedo.

Mara Teresa - Como é que vocês transam o lado econômico? Por exemplo, manter este apartamento?

ANA BEATRIZ - Bem, este apartamento é próprio. Cada um de nós foi ajeitando a sua vida, e fomos nos adaptando a isto. A minha mãe mora em Ilhéus, e o meu pai, durante algum tempo, morou na Venezuela. Então chegou uma época em que a gente teve que optar: quem queria ficar no Rio, fazer vestibular, quem queria sair. Um respeitou a decisão do outro e tudo se ajeitou.

Mara Teresa - Qual é a profissão do teu pai?

ANA BEATRIZ - Ele é advogado, e minha mãe tem uma formação de professora.

Mara Teresa - Como é que pintou a chance de "Vera"?

ANA BEATRIZ - Bem, tinha mais de trezentas candidatas. Eu vi o anúncio numa revista, e fui pra São Paulo fazer o teste. Fiz uma maratona, nem lembro exatamente quantos testes foram nem quanto durou cada um. Acho que dei sorte, porque o teste é uma coisa muito específica. O fato de você não passar num não significa que você não seja uma boa atriz. Às vezes o personagem tem mais a ver com uma pessoa, ou então naquele dia você não estava bem. Então foi legal ter feito mais de um teste, porque uns foram bons, outros nem tanto.

Mara Teresa - Quando você se dispôs a fazer o teste já sabia como era a história do filme?

ANA BEATRIZ - Não, sabia muito pouco. Eu não estava nem pensando muito em cinema. Estava naquele negócio de tentar montar um grupo de teatro na escola, pensava até em televisão. Por acaso vi a reportagem na *Istoé*, achei interessante e procurei me informar. Mas só fiquei sabendo mesmo da história depois que passei no teste.

Mara Teresa - E o que você sentiu depois de ler o roteiro?

ANA BEATRIZ - Eu fiquei apaixonada. Fiquei horas lendo o roteiro, e sentindo que ia ser uma responsabilidade muito grande fazer o filme. Mas eu tinha muita vontade de fazer, e quando a gente tem uma vontade grande de fazer alguma coisa vem uma energia que a gente não sabe de onde, e acaba fazendo. E juntou não só a minha vontade, mas também a vontade do Sérgio, que estava fazendo o seu primeiro filme, da equipe, de todos os atores.

Mara Teresa - E você não tremeu de trabalhar ao lado de atores já consagrados como Raul Cortez?

ANA BEATRIZ - Não, isso até ajudou. Lembro até de uma cena, que era muito difícil, uma seqüência em que eu tinha que começar calmamente e acabar aos prantos. Nesse dia as coisas não estavam fluindo legal, e o Raul foi preciso. Deu uma força enorme. Foi um momento em que valeu a experiência. Então você trabalhar ao lado de um ator já experimentado tem essa vantagem. Uma pessoa que tem pouca experiência ainda está muito intuitiva, se deixa dominar muito pelo emocional, e isto atrapalha.

Mara Teresa - "Vera" é a história de uma menina criada em orfanato, que assume uma personalidade masculina. Isto tem a ver com homossexualidade?

ANA BEATRIZ - Essa história de homossexualismo em nenhum momento é o foco principal do filme. É claro que se a personagem escolhe essa personalidade masculina, ela não vai transar com homens, vai preferir as mulheres. Aí o homossexualismo é uma consequência, não é a causa. No fundo, ela talvez nem seja homossexual.

Mara Teresa - O quê, no filme, foi considerado atitudes masculinas da personagem?

ANA BEATRIZ - Bem, o filme é uma ficção, então a gente tem que falar sem pensar muito no real. Tem uma personagem, chamada "Paizão" que no início do filme implica muito com minha personagem. "Paizão" tem uma personalidade masculina, e, com o correr do filme, a Vera vai sentindo que ela não é uma pessoa má, e que tudo aquilo que ela fez é para o bem das meninas. Enfim, as meninas percebem que é preciso haver uma paixão, uma pessoa mais forte pra protegê-las, senão elas não agüentam. Ela é uma líder, que depois vam embora e a "Vera" fica no seu lugar.

Mara Teresa - Quer dizer, a "Paizão" pode ser também uma mãezona?

ANA BEATRIZ - É, cada um cria um personagem pra se apresentar à sociedade. Alguns levam ao extremo, outros nem tanto. A "Vera", por exemplo, vai até o final. Acho que o filme mostra isto, esse negócio da gente viver aquilo que está dentro da gente.

Mara Teresa - A "Vera", no caso, se sente mesmo como um homem?

ANA BEATRIZ - É, ela usa cueca, tem uma faixa pra apertar e esconder os seios.

Mara Teresa - E como é que você, tão feminina, conseguiu fazer um papel assim?

ANA BEATRIZ - Eu sempre falo pras pessoas: "Não me pergunta por que ou como eu consegui". Acho que não tem como explicar. Eu nunca percebi tanto a minha feminilidade como nesses momentos, durante a filmagem, em que estava fazendo um homem. Eu nunca tive parâmetros do quanto eu sou feminina como agora, fazendo o papel de um rapaz. Eu nunca tinha pensado na dimensão da feminilidade. Só percebi isto ao fazer um oposto.

Mara Teresa - Você já teve experiências homossexuais?

ANA BEATRIZ - Não.

Mara Teresa - Você ainda é virgem?

ANA BEATRIZ - Não, claro que não. A minha - digamos - primeira vez foi uma coisa fantástica. Eu lembro até hoje, e gosto de contar pras pessoas como é que foi.

Mara Teresa - Como é que você vê esse negócio de sexo? Você transa com uma pessoa só se pintar um amor, ou transa, também, se pintar uma atração física?

ANA BEATRIZ - Não sei, isto é muito relativo. Comigo aconteceu de transar com meus namorados, que sempre foram paixões muito grandes. Por acaso eu nunca tive um namoro que fosse "en passant" - não porque eu tenha alguma coisa contra ou a favor. Foi simplesmente por acaso.

Mara Teresa - Depois do filme, as pessoas não passaram a te cobrar, a achar que você era uma lésbica, uma homossexual?

ANA BEATRIZ - Se isto aconteceu eu nem fiquei sabendo, porque simplesmente eu nunca me preocupei com isto. Quando você vê o filme fica tão claro... Enfim, eu sou suspeita pra falar, porque eu achei tudo lindo no filme.

Mara Teresa - E a premiação?

ANA BEATRIZ - O filme ganhou o prêmio de melhor atriz no Festival de Brasília, e agora mais



Aninha, um macho convincente

recentemente foi premiada com o Urso de Prata, em Belfim. Eu estou orgulhosa com isto, né? Fico satisfeita, porque é uma fase legal que nós estamos passando - não só eu, mas várias pessoas que já vêm desenvolvendo um trabalho sério há algum tempo. Os prêmios, enfim, tudo que vier de bom não são de um só, são de todo mundo.

Mara Teresa - Nas cenas em que havia um relacionamento afetivo/sexual você sentiu alguma repulsa? Ou prazer?

ANA BEATRIZ - Não, repulsa jamais. A única coisa que pintou foi uma necessidade de reformular vários conceitos que eram meus, e que eu percebi que não tinham nada a ver. As cenas de sexo do filme não são exatamente eróticas. Elas são mais afetivas. O fio condutor é o carinho.

Mara Teresa - Antes da entrevista, eu pensava que ia encontrar uma mulher, não exatamente masculinizada, mas mais "dura". E vejo você assim tão meiga... Como você vê isto?

ANA BEATRIZ - Eu passei inclusive essa meiguice para o personagem. Eu fiz questão de não fazer um personagem duro. "Vera" tem um olhar doce, meigo.

Mara Teresa - "Vera" seria, pra você, uma consequência dessa sociedade em que vivemos, um grito de libertação da mulher?

ANA BEATRIZ - No filme a gente vê, a todo momento, coisas que estão aí na vida real. Ele tem parâmetros através dos quais você lembra de alguém que conhece, de alguma situação vivida.

Mara Teresa - Além de cinema, o quê mais você faz?

ANA BEATRIZ - Eu danço, toco violão, sapatão. Mas são coisas que eu faço pra mim, que me dão prazer.

Mara Teresa - E fora da vida artística. Você gosta de sair?

ANA BEATRIZ - Eu vou muito ao teatro. É o meu programa predileto. Não sou muito de badalado, mas gosto muito de estar com meus amigos. Tenho amigos fantásticos, preciosos e eu tenho muito cuidado em preservá-los. Eu fico muito em casa, gosto de receber aqui o pessoal.

Mara Teresa - Você bebe?

ANA BEATRIZ - Não, eu tenho uma certa rejeição física à bebida. Mas eu até gostaria de poder beber mais. Às vezes eu fico danada, quando chega alguém e diz: "Experimenta este vinho, vê que delícia". Eu experimento e meia hora depois estou passando mal.

Mara Teresa - E análise?

ANA BEATRIZ - Eu faço há dois anos. Eu não sou do tipo que acha que não se vive sem análise. Acho que vive, sim. Mas pra mim faz parte de um processo, e acho superimportante. Se eu posso fazer, acho legal, porque a análise te ajuda a entender coisas que são difíceis de entender, a conviver com coisas que são difíceis de conviver.

Mara Teresa - E como é a análise que você faz? É daquele tipo divã, etc, ou é uma coisa mais dinâmica?

ANA BEATRIZ - É uma coisa mais dinâmica, embora tenha também esse lado mais "tradicional". Nunca ninguém me mandou deitar no divã. Eu deitei no dia em que achei que queria deitar. Tudo muito natural.

Mara Teresa - Como é que ficou a tua vida depois do sucesso do filme? O telefone, por exemplo, não para de tocar?

ANA BEATRIZ - Acho que está uma coisa boa. É um espaço que a gente conquista. E isto é legal. Mas eu tenho a clareza de que as coisas são definitivas, principalmente pra mim, que ainda sou muito jovem.

Mara Teresa - E os planos de novos trabalhos?

ANA BEATRIZ - A gente não pode parar, né? Eu tenho um objetivo especial este ano, que é fazer uma peça. Desde o filme eu não faço nada de teatro, que é a minha grande paixão.

Mara Teresa - Com quem você gostaria de trabalhar?

ANA BEATRIZ - Tem uma porção de gente aí. Mas agora eu estou lendo muito com a Júlia Lemmertz, que é minha amiga. Nós estamos com vontade de fazer alguma coisa juntas.

E em Brasília

SRS E SRS. O CARGO QUE
OCUPO É UM CARGO DE
SACRIFÍCIO, UM FARDADO PESADO...



SÃO NOITES MAL DORMIDAS.
SÃO FIOS E MAIS FIOS DE CABELO
BRANCO. NÃO DESEJO ISSO PARA
MEU PIOR INIMIGO...



SÓ PESSOAS, COMO EU, COM
ELEVADO ESPÍRITO PÚBLICO
ACEITARIA UMA PORÇÃO DESSAS...



Ei, QUE TAL EU FICAR
6 ANOS NO GOVERNO?

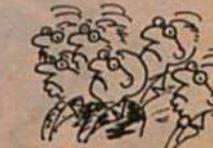


FOTO: ARMANDO COSTA

TIVE QUE
REFORMULAR
VÁRIOS CONCEITOS
PRA TRANSAR
AS CENAS DE
SEXO.